



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Graduação em Biblioteconomia

TAINARA MESQUITA ALMEIDA

Utopia do conhecimento de Alexandria a Otlet

Brasília, DF
2018

TAINARA MESQUITA ALMEIDA

Utopia do conhecimento de Alexandria a Otlet

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dr^a. Greyciane Souza Lins

Brasília, DF
2018



Título: Utopia do conhecimento de Alexandria a Otlet.

Aluna: Tainara Mesquita Almeida.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 07 de dezembro de 2018.

Greyciane Souza Lins - Orientadora

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Rita de Cássia do Vale Caribé – Membro

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Raphael Diego Greenhalgh – Membro

Bibliotecário da Biblioteca Central (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Almeida, Tainara Mesquita.

Utopia do conhecimento de Alexandria a Otlet / Tainara Mesquita Almeida. – Brasília : 2018.

36 f.

Orientadora: Greyciane Sousa Lins.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2018.

1. Mundaneum. 2. Paul Otlet. 3. Alexandria. 4. Utopia. 5. Brasil.

I. Almeida, Tainara Mesquita. II. Título.

Dedico esse trabalho aos meus pais Conceição e Milton, vocês são a base de toda a minha caminhada eu agradeço todo apoio, amor e pela confiança. A minha irmã Aline, te amo irmã obrigada por tudo, você é a razão, meio e fim. A minha avô Raimunda e meu avô Raimundo (*in memoriam*). E a todos como eu, que acreditam que a vida seja uma grande utopia.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Deus, por ter me dado a força, a paciência, a fé e a perseverança, necessárias para que eu pudesse trilhar meu caminho da melhor maneira, e também, pelos obstáculos enfrentados, porque sem eles eu não teria a motivação necessária para lutar por um futuro melhor. Desta forma gostaria de agradecer:

À minha mãe, Conceição.

Ao meu pai, Milton.

À minha querida irmã, Aline.

À Malu e Letícia muito obrigada pelo apoio amigas.

Aos amigos que fiz durante os estágios, obrigado pelo apoio, palavras amigas e ajuda nos momentos difíceis. Ao pessoal da BCE, em especial a Ilmara e Maria. Ao pessoal da biblioteca do TSE, Eulina, Marilene, Weslane, Carol, Stefanie, Michele, Jussara, Cecília Bugarin, meus sinceros agradecimentos ao setor de Legislação.

Ao pessoal do Formancipa que me mostrou que mesmo com pequenas ações somos capazes de grandes transformações. Agradeço ao professor Erlando Rêses por ter acreditado no meu trabalho e ter me motivado a crescer.

Ao professor Carlos Juvêncio por ter sido um dos meus mentores na realização desse trabalho, obrigado pelo apoio.

Agradeço de todo o coração, especialmente, à minha orientadora Greycianne, quando assisti a sua aula em 2011 no meu primeiro semestre não sabia que História do livro ía transformar a minha vida, obrigada pelo apoio e suporte na conclusão desse trabalho, obrigado por acreditar em mim e no meu trabalho.

Agradecimento especial do curso vai para o Reginaldo, secretário do curso de Biblioteconomia, que me ajudou de inúmeras formas. Regis, muito obrigado.

“12 DE JUNHO: Eu deixei o leito às 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa a pensar nas misérias que nos rodeiam. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas em que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários”.

Carolina Maria de Jesus

Aos predadores da utopia, dentro de mim morreram muitos tigres, os que ficaram no entanto são livres.

Lau Siqueira

Resumo

Descreve, por meio de pesquisa bibliográfica, o trabalho e algumas das contribuições dos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, como a criação do projeto de Cidade Universal *Le Cité Mondiale*, a criação da biblioteca universal *Mundaneum*, a Classificação Decimal Universal (CDU), o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), o Repertório Bibliográfico Universal (RBU). Identifica e analisa as circunstâncias, motivações teóricas e ideológicas que levaram à ampliação da compreensão cultural e social no meio em que atuaram, como a proposta de toda a organização racional do conhecimento, produção intelectual do ser humano. Destaca a relação de utopia com o ideal de criação de uma sociedade global. Analisa utopias clássicas como a de Thomas More e Platão, que surgem como objeto de estudo para a revolução de ideais imaginários. Neste trabalho pretendo traçar alguns dos caminhos percorridos desde as utopias clássicas como a de Thomas More e Platão, que surgem como objeto de estudo para a revolução de ideais imaginários.

Palavras-chave: Mundaneum. Documentação. Paul Otlet. Utopia. Henri La Fontaine.

Abstract

It describes, the work and some of the contributions of the Belgians Paul Otlet and Henri La Fontaine, such as the creation of the Universal City Project Le Cité Mondiale, the creation of the universal library Mundaneum, the Universal Decimal Classification (CDU), the International Institute of Bibliography (IIB), the Universal Bibliographic Repertoire (RBU). It identifies and analyzes the circumstances, theoretical and ideological motivations that led to the expansion of cultural and social understanding in the environment in which they acted, such as the proposal of all rational organization of knowledge, intellectual production of the human being. It highlights the relationship of utopia with the ideal of creating a global society. He analyzes classical utopias such as Thomas More and Plato, which appear as objects of study for the revolution of imaginary ideals. In this work I intend to trace some of the paths covered by classical utopias such as Thomas More and Plato, which appear as objects of study for the revolution of imaginary ideals.

Keywords: Mundaneum. Documentation. Paul Otlet. Utopy. Henri La Fontaine.

Lista de figuras

Figura 1: Paul Otlet	25
Figura 2: Henri La Fontaine.....	25
Figura 3: Classificação Decimal Universal.....	28

Lista de abreviaturas

CDD - Classificação Decimal de Dewey

CDU - Classificação Decimal Universal

FID - Federação Internacional de Informação e Documentação

IIB - Instituto Internacional de Bibliografia

RBV - Repertório Bibliográfico Universal

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

Lista de quadros

Quadro 1- Projetos de sociedades utópicas.....	19
Quadro 2 - Linha do tempo com base nas realizações de Otlet e La Fontaine.....	26

Sumário

1 Introdução	12
1.1 Objetivos	14
1.1.2 Objetivo geral	14
1.1.3 Objetivos específicos	14
2 Revisão de literatura	15
2.1 Utopia, projetos utópicos e distopia	15
2.2 Alexandria	19
2.3 O contexto de organização do conhecimento	21
2.4 Pacifismo e Internacionalismo	26
2.5 Cidade Universal e Mundaneum	27
3 Considerações finais	30
Referências	31

1 Introdução

O mundo encolheu por nossa experiência / E o universo não é mais que um círculo muito estreito.

Alfred de Vigny, 1854¹

Utopia, palavra proveniente da composição de três palavras gregas: *ou* (não), *topos* (lugar) e do sufixo *ia*, o não lugar que não existe. Tem como significado mais comum a ideia de lugar ideal, imaginário, sem existência física, inalcançável, sinônimo de impossível. Pode se referir a uma cidade ou a um mundo, sendo possível tanto no futuro, quanto no presente (CRISTINA 2011; MATTELART, 2002).

Segundo Gonçalves (2015, p. 18), embora só tempo mais tarde tenha se configurado como um gênero literário, a utopia está presente na história do Ocidente, desde A República. Assim sendo, torna-se necessário um debate acerca do espaço que a utopia ocupa na literatura e cultura ocidentais. Identificamos que o cunho universalista está presente de inúmeras formas em nossa sociedade desde os primórdios, estando presente em nossa literatura por diversos autores.

De acordo com Gonçalves (2015, p. 18 apud MUMFORD, 2007) habituámo-nos a ver a utopia em discordância com o mundo, quando, de fato, são as nossas utopias que tornam o mundo tolerável. A utopia e a realidade coexistem, numa tentativa de procurar uma vida ou de um mundo melhor, e a utopia é a condição necessária a esta procura. Existindo desse modo utopias como a de Thomas More, que possui condutas acessíveis de maneira que podemos imaginá-la sendo viáveis na atualidade (GONÇALVES, 2015, p. 18).

No âmbito da memória histórica estamos repletos de grandes centros do conhecimento, que representavam a sua sociedade de acordo com a época em que foram criadas. De acordo com Mey (2009, p. 59-60), a biblioteca mais antiga que se tem conhecimento foi à localizada em Ebla², possuía entre 15.000 e 17.000 tábulas de argila. No império de Alexandre, a biblioteca de Alexandria reuniu um acervo incomparável de rolos de papiros. Importantes descobertas e pesquisas foram desenvolvidas primordialmente.

Desde muito jovem o belga Paul Marie Gislain Otlet entendeu que o conhecimento era a chave para uma construção universal do conhecimento. E como muitos estudiosos ele dedicou a sua vida e esforços há buscar formas de organização da informação registrada. Desenvolveu

¹ 1MATTELART, Armand. História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global. Porto Alegre: Sulina, 2002.

² Esta biblioteca está localizada na cidade de Ebla, uma cidade antiga localizada no norte da Síria. Foi uma importante cidade-estado em dois períodos, em 3000 a.C. e depois entre 1800 a.C. e 1650 a.C. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/bibliotecasdelmundo1/home/bibliotecadeebbla>>.

projetos de grande magnitude e ao lado de Henri La Fontaine deu continuidade a criações revolucionárias que abriram portas para outras gerações de estudiosos.

As ideias de Otlet se baseiam no acesso mundial do conhecimento, na memória científica mundial. Sendo fundador do *Instituto Internacional de Bibliografia* - IBB (1895) posteriormente denominado Federação Internacional de Informação e Documentação (FID). Com a publicação do *Traité de Documentation* (1934) Otlet evidencia a organização da informação registrada, fazendo conexões tecnológicas, utilizando ferramentas e instrumentos técnicos.

1.1 Objetivos

1.1.2 Objetivo geral

Descrever a trajetória e contribuição de Paul Otlet e Henri La Fontaine para a utopia da criação da Cidade Universal, da Biblioteca Universal e do *Mundaneum*.

1.1.3 Objetivos específicos

- Identificar o que seria utopia e alguns dos projetos utópicos criados.
- Descrever algumas das organizações criadas por Paul Otlet e Henri La Fontaine.

1.1.4 Processos metodológicos

Trata se de uma pesquisa descritiva bibliográfica que tem como objetivo identificar, analisar, e descrever os aspectos históricos relevantes da trajetória de Paul Otlet e Henri La Fontaine para a criação de uma fonte universal de conhecimento. Alguns autores utilizados como referência nesse trabalho foram eles: Juvêncio, Moura, Mendes, Santos, Mattelart.

2 Revisão de literatura

2.1 Utopia, projetos utópicos e distopia

Nogueira Filho (2010, p. 439) define a utopia como uma

Palavra oriunda proveniente da composição de três palavras gregas: *ou* (não), *topos* (lugar) e do sufixo *ia*, para sermos mais precisos, o lugar que não existe. Foi utilizada por Thomas Morus na obra publicada em (1516), com esse título e com o mesmo sentido tinha sido usada por Platão, com a sua República imaginária. Utopia, portanto, passou a significar um país idealizado capaz de fornecer a seus habitantes as melhores condições de vida possíveis. Até que Thomas Morus a utilizasse, a palavra indicava uma sociedade ideal ou inalcançável, ou ainda as duas coisas. A utopia de Morus é uma comunidade de uma ilha imaginária, organizada na base da vida coletiva, da propriedade comum e da obrigação do trabalho.

De acordo com Bobbio (1983, p. 1284), a tentativa de se encontrar uma definição da Utopia é complicada pela sua multiplicidade de aproximações possíveis. Mumford (2013, p. 1) esclarece que durante muito tempo, a utopia tem sido outra maneira de chamar o irreal e o impossível. Tendendo a confrontar a utopia com o mundo, quando, de fato, as utopias tornam o mundo tolerável: as cidades e mansões com as quais as pessoas sonham são aqueles que finalmente habitam. Quanto mais o homem reage ao meio ambiente e o reconfigura de acordo com um padrão humano, mais claramente ele mostra que ele continua a viver na utopia.

Segundo Mattelart (2002) a sociedade utópica define a criada por Thomas Morus³ que tem como personagem principal o piloto Raphael Hythlodée marinheiro-filósofo português, se conduz uma narrativa da viagem à ilha dos Utopianos, o país da igualdade absoluta, onde afirma:

Os Utopianos não fazem distinção entre o teu e o meu. Aboliram a divisão de classes sociais (o que não havia proposto Platão) [...]. Além de tudo, eles acalentam a paz.

Em sua obra Utopia, Morus descreve a vida numa ilha em formato de lua crescente, na qual tudo é dividido de maneira equânime entre as pessoas, onde não existe injustiça e violência e se vive confortavelmente (LOPES, 2004, p. 141).

De acordo com Garcia

embora o caráter imaginário e químero da Utopia, a obra de Morus fica na história do socialismo como a primeira tentativa teórica da edificação de uma sociedade baseada na

³ Thomas Morus, conhecido literariamente como Thomas Moore, Grande Chanceler da Inglaterra, nasceu em 1478.

comunidade dos bens. E o seu nome ficou para sempre incorporado ao vocabulário universal como significado do todo sonho generoso de renovação social (MORUS, 2001, pág. 25).

O autor e humanista Morus nasceu e viveu boa parte de sua vida em Londres. O mundo no século XVIII se encontrava como palco de grandes transformações políticas e sociais. De acordo com Lopes (2004, p. 142) Morus viveu numa Europa marcada pelas desigualdades e injustiças sociais. Segundo Hobsbawm (2015, p. 4):

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem-informados da época - digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) - conheciam somente pedaços do mundo habitado.

De acordo com Lopes (2004, p. 142)

Morus teve a pretensão típica de um humanista cristão: reduzir a pobreza fazendo a riqueza recuar a patamares compatíveis com os de uma sociedade fraterna. E isto seria possível, segundo está expresso em sua obra, se todos recebessem tratamento indiferenciado em um novo ordenamento hierárquico. Na verdade, na ilha de Utopia, o problema da exclusão social, tema candente de seu tempo, e ainda do nosso, seria resolvido de uma vez por todas. E de que maneira? Pela aplicação de todos ao trabalho, sem a menor possibilidade da existência de privilégios. Como não haveria mais espaço para o orgulho insolente da nobreza indolente e perdulária, o que afastaria de uma vez por todas a possibilidade de acúmulo de riqueza, todos os bens produzidos socialmente seriam repartidos em igual proporção entre todos os cidadãos. Para o fim da abastança de alguns e da carestia de muitos, bastaria que todos os homens se aplicassem a uma jornada de trabalho de seis horas diárias. Isto seria suficiente para sustentar as condições materiais de vida num patamar adequado para os utopianos.

Para Nogueira Filho (2010, p. 439) durante muito tempo Utopia foi um termo desprezado por não se referir às condições do mundo real. No entanto, o conceito exerce duas importantes funções no pensamento político. A primeira é que o pensamento utópico explicita sempre uma crítica aos sistemas políticos e sociais existentes, de um ponto de vista mais radical do que simplesmente reformista. A segunda é que propõe novas ideias e aspirações que servem para ilustrar como eles podem ser realizadas nas diferentes sociedades. Nem sempre, porém, é fácil reconhecer o que é um pensamento utópico.

O movimento chamado utópico, não é mera defesa de um ideal. Se fosse isso, todos os pensamentos políticos poderiam ter sido rotulados de utópicos. Ele consiste na aplicação do ideal, a cada aspecto da vida social, com consequências revolucionárias para a organização da sociedade. O movimento utópico, porém, não constitui uma ideologia, uma vez que diferentes aspectos das utopias, tanto de direita quanto de esquerda, têm sido imaginadas e/ou propostas, ao longo dos

tempos. Trata-se apenas de uma categoria para se refletir sobre a política e a sociedade visando ao seu aperfeiçoamento (NOGUEIRA FILHO, 2010, p. 439).

O quadro 1 contém alguns projetos utópicos criados e de grande importância para conseguirmos compreender um pouco mais o que seria a utopia.

Quadro 1 - Projetos de Sociedades Utópicas

AUTOR	NOME DO PROJETO	ANO
Platão	A República	380 a.C
Thomas Morus	Utopia	1516
Étienne-Gabriel Morelly	Código da Natureza	1755

Fonte: Elaboração da autora com base na obra de Nogueira Filho (2010).

A utopia mais conhecida de todas *A República* descreve um Estado ideal governado por reis-filósofos (“Guardiões”), que vivem de forma comunitária sem a existência de propriedade privada, e gastam o tempo contemplando o bem e buscando a verdade que eles realizam por meio de decretos (NOGUEIRA FILHO, 2010, p. 439). A tese principal de Platão diz respeito à necessidade de fundação de uma cidade onde haja a educação voltada para a justiça, porque somente assim se atingirá o ideal humano que é a felicidade. O alcance da felicidade, segundo Platão, repousa sobre o educar, voltado para a justiça, o qual originaria o cidadão ideal, conhecedor do seu espaço e daquele reservado ao outro, e, conseqüentemente, à cidade ideal, “ampliação” do cidadão (MENESCAL, 2009, p. 18-19).

O pensamento filosófico de Platão é uma resposta às necessidades pragmáticas da situação política ateniense, nela os sofistas desenvolvem a arte de argumentos conflitantes e dialética. O discurso se articula em temas de grande atualidade e relevância. Em Platão, a dialética de seu estudo nasce do embate entre a opinião, que se apoia na experiência sensível e o conhecimento científico, que seria a razão. A opinião se funda na ilusão, pois tem como ponto de referência as sombras, cópias e reflexos das verdadeiras realidades, os modelos e as formas que se encontram baseadas em um provável mundo ideal utópico (GILES, 1983, 14-15).

Morelly foi o principal representante do socialismo racional e utópico no século XVIII, cuja a vida foi muito mal conhecida, suas obras consistem em destacar o progresso social baseando-se numa natureza humana “constante” e “invariável”. Sua sociedade ideal baseia-se na supressão da propriedade privada, no direito de cada cidadão ser mantido à custa da coletividade e no dever de participar-se, de acordo com suas capacidades, da prosperidade geral. Esses três princípios “cortariam a raiz dos vícios e de todos os males de uma sociedade”. Obras principais: *Os princípios*

naturais da educação (1743); *A Basíliada* (1753); *O código da natureza* (1755). (DUROZOI, 1993, p. 330).

Assim como os projetos de sociedades utópicas e sociedades universais, há na literatura à utopia de bibliotecas universais. A Biblioteca de Babel, conto presente na obra *Ficções* (*Ficciones*) de Jorge Luís Borges, publicada originalmente em (1944), apresentada a sua narrativa descrevendo a composição desta biblioteca:

“compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais (...) A luz procede de algumas frutas esféricas que levam o nome de lâmpadas. Há duas em cada hexágono: transversais. A luz que emitem é insuficiente, incessante (...)” (BORGES, 1944, p. 3)

A literatura utópica é criada por autores que sentem a nostalgia de um passado idealizado ou que desejam chamar a atenção para a necessidade de reformar as instituições sociais, políticas ou econômicas existentes. O oposto da distopia.

Sabemos que inúmeras formas de compreensão de como seria o futuro, a sociedade, foram questões amplamente estudadas por filósofos ao longo dos anos. Com isso além de termos como a utopia, também temos definições do que seria a distopia, eutopia, retrotopia e a entropia. Sempre que analisarmos algo que tenha um fundo idealístico como a utopia teremos como contra-ponto a distopia e outros conceitos que se encontram atrelados a mesma. Como já vimos a utopia é um conceito que consiste em estabelecer uma relação com algo idealista e ilusório. Distopia realidade que ocorre de forma oposta ao que seria uma sociedade ideal.

De acordo com Berriel (2005, p. 1)

É bem sabido que a distopia nasceu da utopia, e que ambas expressões são estreitamente ligadas. Há em toda utopia um elemento distópico, expresso ou tácito, e vice-versa. A utopia pode ser distópica se não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia.

Na utopia é criado uma cidade ideal que se baseia em uma história de ficção onde é usada a razão para construir uma sociedade ideal, não sobre dogmas ou mitos. Numa distopia, a razão, seria a causa de grande desigualdade através da violência e controle social dos indivíduos. Podemos citar a série *Black Mirror*, onde a distopia tem como causa principal, a tecnologia. Vivenciando o contexto atual podemos citar quatro grandes obras distópicas que representam um mundo não muito

diferente do nosso seriam elas: Fahrenheit 451 de Ray Bradbury, Admirável Mundo Novo de Audous Huxley, O Conto da Aia de Margareth Atwood e 1984 de George Orwell.

O conto de aia ou em seu título original *The Handmaid's Tale*, escrito por Margareth Atwood, se passa na República de Gilead nome adotado depois que o regime toma conta do poder. Como sabemos para que exista uma distopia ela precisa de explicação, nesse caso a tomada de poder por essas pessoas é fruto de várias dificuldades que o mundo em si está passando como a fome, muita poluição, escassez de alimentos e com isso a figura representativa da mulher se torna um ser estéril, assim esse regime se baseia em um conjunto de possíveis argumentos para que assim possa se combater alguns desses fatores.

2.2 Alexandria

Sabemos que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado, herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas inúmeras gerações que o antecederam. A manipulação adequada das ferramentas permitiu as inovações e as invenções (LARAIA, 2001, p. 24).

Para Mey (2005, p. 1), define-se conhecimento como ato ou efeito de apreender intelectualmente, de perceber um fato ou uma verdade. O conhecimento é sempre particular, embora possa ser transmitido ao maior número possível de pessoas. Dessa forma, o ser humano sempre buscou um ideal, uma utopia, de um lugar em que se pudesse ter uma organização do conhecimento registrado. Esforços de diversas maneiras foram investidos por sábios e estudiosos que buscavam na antiguidade maneiras de solucionar esse embate de construção de uma linha do tempo capaz de elucidar a sociedade em sua época e o conhecimento obtido perpetuado para eternidade. Assim como os projetos de sociedades utópicas e sociedades universais há na literatura à utopia de bibliotecas universais.

Milanesi (2002, p. 9), por conseguinte, observa que:

O pensamento humano, progressivamente, encontra novas formas de registro... Parte substancial da história é construída pelo estudo desses registros: dos desenhos nas cavernas ao livro virtual. Toda essa produção, como se fosse a memória da humanidade, para que não seja perdida, está sob a administração de pessoas especializadas que não só a preserva como a organiza de tal forma que a menor unidade possa ser perfeitamente localizável. Essa atividade de buscar o que foi guardado e de guardar o que foi registrado (e de registrar o que foi imaginado) é a forma possível para manter viva a memória da humanidade, forma em constante aperfeiçoamento.

O autor complementa que:

Para facilitar a ordenação e o acesso aos registros, os homens, as cidades e os países, durante séculos de história, consideraram melhor juntá-los em um único lugar, formando coleções e criando serviços a elas vinculados. Quando um desses locais é visitado por um curioso à procura de algo além de achar o que deseja, o interessado pode encontrar mais do que supunha existir (MILANESI, 2002, p. 9).

Segundo Milanesi (2002, p. 15) a história do homem é parte reduzida da trajetória humana uma vez que a pré-história é muito maior. Os primeiros registros de ações e reflexões são recentes. Da pedra, argila, papiro, pergaminho e papel à memória das máquinas o salto foi curto: poucos milhares de anos.

Sabemos que uma das bibliotecas mais conhecida da história e um dos maiores centros do saber foi certamente a Biblioteca de Alexandria. Durante séculos foi o centro cultural do mundo. Reuniram sábios, das mais diferentes procedências, que nela desenvolveram trabalhos e pesquisas de importância fundamental para o conhecimento. Bibliotecários eruditos tornaram acessível ao mundo ocidental obras de toda origem. Calímaco criou uma forma de organização do conhecimento registrado, cuja influência perpassou outras bibliotecas antigas e bibliotecas medievais, chegando até nossos dias (MEY, 2004, p. 1).

Alexandria chamada assim em homenagem ao conquistador Alexandre Magno, foi criada em 331 a.C do oeste do delta do Nilo, junto ao lago Mareótis, e era obra do arquiteto Denócates de Rodes, que decidiu dar-lhe a forma de clâmide⁴ com uma espécie de rebordo (BAÈZ, 2004, p. 45).

Segundo Baèz (2004, p. 45)

[...] Demétrio⁵aconselhou o rei a adquirir e ler livros sobre a monarquia. Dedicou a Ptolomeu um livro sobre a arte da política e o intitulou *Ptolomeu*. Em determinado momento convenceu o rei a construir um prédio, dedicado às musas (filhas de Mnemósine), com o nome de museu. Assim foi construído um prédio dedicado às musas, com o nome de museu. Que contou com uma incrível biblioteca .

Explicando de forma filosófica o gênese da *Memória (Mnemósine)*, encontramos como base a obra Teogonia, de Hesíodo (1995, p. 11), composta de poesia arcaica, que narra a origem dos deuses gregos na antiguidade, subsequente a origem de Mnemósine. Na gênese do mundo surgiu Gaia (Terra), que gerou para si Urano (Céu). Assim gerando uma vasta descendência de Titãs e Titânides, entre as titânides nasceu Mnemósine (Mnemosyne), a mãe das nove Musas. Ela

⁴ manto dos antigos gregos preso por um broche ao pescoço ou ao ombro direito

⁵ Demétrio de Falero nasceu em 350 a.C. ou 360 a.C. no porto de Falero, filho de um escravo da casa de general, Fanóstrato... Estudou em Liceu, Atenas (BAÈZ, 2004, p. 44). Se mudou para Alexandria e logo se encantou com cidade criada por “*Alexandre o grande*”. Demétrio havia sido o plenipotenciário da biblioteca. Por vezes o rei passava os rolos em revista, como manípulos de soldados. "Quantos rolos temos?", perguntava. E Demétrio o atualizava sobre os números (CANFORA, 1989, p. 20).

deu à luz as Musas depois que Zeus foi para Pieria e ficou com ela durante nove noites consecutivas. Mnemósine, na mitologia grega, era a personificação da deusa da memória.

Baèz expõe como seria constituída a biblioteca:

[...] por casualidade, foi no início uma sala de consulta; em poucos anos mudou, graças às ampliações. Anos depois seria construída a biblioteca do Serapeum, talvez por problemas de espaço, a certa distância do museu. A biblioteca de Alexandria era dividida em duas partes. A primeira ficava no museu e a segunda, no templo de Serapis ou Serapeum. O Serapeum, segundo os comentaristas, foi construído para honrar Serapis. Em seu interior, o templo contava com uma peça para os sacerdotes e outra para a biblioteca. Uma lenda se refere à realização de banquetes sagrados nesse lugar; outro alude às pessoas que pernoitavam ali em busca de uma revelação (BAÈZ, 2004, p. 45-46).

O autor por sua vez, observa como seria o museu:

[...] parte do palácio real, e contava com um átrio, um pórtico com bancos e uma grande casa onde se situava o refeitório. Constava de diversos corredores e pátios (no último estavam os gabinetes particulares e as estantes), com pinturas coloridas nas paredes mostrando alegorias e símbolos. Tinha contíguos, um parque zoológico e um estranho jardim botânico (BAÈZ, 2004, p. 45).

O objetivo de Ptolomeu não era apenas a aquisição de livros do mundo inteiro, mas também a sua tradução para o grego. Foi entendido que seria utilizado como instrumento de dominação, assim tendo como traduzir seus livros, a fim de entendê-los e alcançar o seu objetivo de governar.

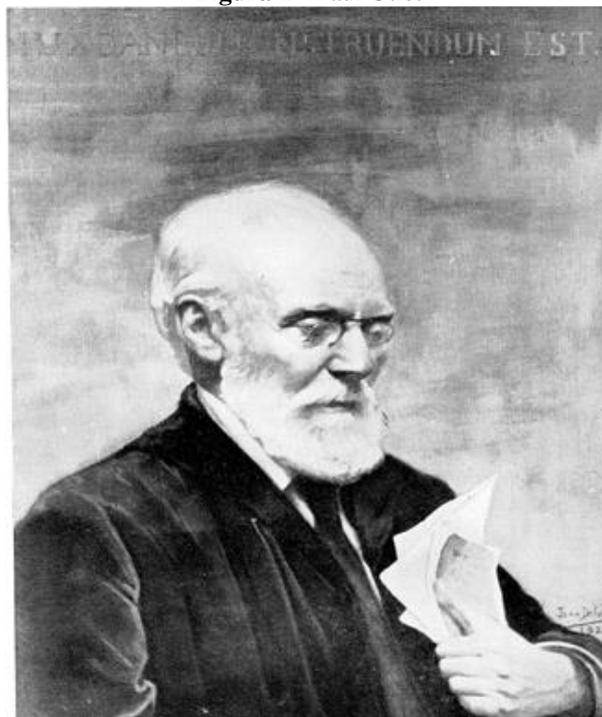
As bibliotecas foram fundadas, permitindo que o conhecimento florescesse no império helênico um ambiente social radicalmente diferente do grego. Desde então, até os dias de hoje, as bibliotecas têm sido apoiadas por uma espantosa variedade de sistemas políticos. Qualquer instituição que tenha durado bem mais de dois milênios tem que ter atraído não apenas os eruditos e acadêmicos, mas a sociedade como um todo. Ela deve ter preenchido algumas das mais profundas aspirações de povos antigos, refletido os desejos daqueles que detinham influência e recursos e se mesclado às estruturas do poder social e político. A compreensão do que terá levado Ptolomeu, e outros sucessores de Alexandre, à decisão de criar bibliotecas entre tantas outras coisas possíveis, nos dá uma indicação do por que os poderes políticos de grande escala fazem, com tanta frequência, o patrocínio do saber em uma parte essencial de sua competição com rivais.

2.3 O contexto de organização do conhecimento

Paul Marie Ghislain Otlet nasceu em Bruxelas, em 1868. Aos 15 foi nomeado bibliotecário no colégio Saint Michel, em Bruxelas. Aos 23 anos, Paul Otlet, havia se tornado advogado e estava recém-casado. Mas ele gostava da teoria não da diplomacia. A casa construída em Bruxelas foi um projeto arquitetônico de Otlet (RAYWARD, 1975, p. 9-10).

Henri La Fontaine nasceu em Bruxelas como Otlet, formou-se em Direito pela *Université Libre de Bruxelles*, onde terminou o doutorado anos depois. Fontaine dirigia o programa bibliográfico da Sociedade, logo após conquistou uma cadeira no Senado belga, a qual ocupou por aproximadamente 30 anos. Depois de formado, exerceu advocacia tendo realizado diversos trabalhos. Durante sua carreira como senador trabalhou pela educação, e trabalhou pela paz mundial. Ao lado do trabalho pela Paz, lutou pelos direitos das mulheres (FONTOURA, 2012; RAYWARD, 1975).

Figura 1 - Paul Otlet



Fonte: Centre d'archives, *Mundaneum*⁶.

⁶ Para mais informações acessar *link* do Mundaneum: <http://archives.mundaneum.org/fr/historique>

Figura 2: Henri La Fontaine



Fonte: Centre d'archives, Mundaneum.

Em 1890, Paul Otlet era neste momento um estagiário nos escritórios do renomado advogado e escritor Edmond Picard, Ora quem Henri La Fontaine trabalhou como secretário. Juntos, eles eventualmente trabalharam em um projeto de lei do livro *Pandectes belges* e descobriram um interesse em comum “a bibliografia”. Em 1891, Otlet e La Fontaine tiveram a publicação do primeiro trabalho bibliográfico "*Sommaire périodique des revues de droit*" (Paul Otlet) e "*Essai de bibliographie de la paix*", Henri La Fontaine (MUNDANEUM, 2017).

Como podemos observar o quadro abaixo demonstra a linha cronológica de algumas das realizações de Otlet e La Fontaine.

Quadro 2: Linha do tempo com base nas realizações de Otlet e La Fontaine

ANO	NOME
1891	" <i>Sommaire périodique des revues de droit</i> " (Paul Otlet) e " <i>Essai de bibliographie de la paix</i> ", Henri La Fontaine
1895	Criação do Instituto Bibliográfico Internacional (IIB)
1895	Repertório Bibliográfico Universal (RBU)
1900	Exposição Universal em Paris
1934	Classificação Decimal Universal

Fonte: Elaboração da autora com base na obra de Rayward (1975).

Em 1895, foi criado o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) com ajuda de Henri La Fontaine, também conhecida como Federação Internacional de Informação e Documentação (FID). Pensando sobre formas de organização Otlet começou a algumas ideias interessantes. Imaginou que ao separar o conteúdo de um livro de seu autor e de sua intenção autoral, seria capaz de extrair sistematicamente dos livros tudo o que representasse uma nova contribuição para o conhecimento⁷. Essas informações poderiam então ser acumuladas em fichas e essas fichas agrupadas de forma a refletir as afinidades envolvidas em cada assunto. As fichas separadas foram uma ferramenta fundamental para o sistema tecnológico idealizado por Otlet. Elas permitiam "preenchimento contínuo e qualquer tipo de manipulação voltada para a classificação" (RAYWARD, 1975, 1997).

Assim, em 1895, Otlet e La Fontaine recebem uma cópia da classificação decimal de Melvil Dewey, logo passaram a estudar e traduzir as várias divisões e subdivisões para sociologia e em outras extensões de suas tabelas. Otlet em seguida escreveu para Dewey a fim de pedir permissão para usar e desenvolver a Classificação Decimal feita por Dewey, com o objetivo de traduzi-la e usá-la para fins bibliográficos.

Dewey e quando Otlet escreveu novamente, era para contar-lhe os planos que ele e La Fontaine conceberam para uma organização bibliográfica universal que descansaria na pedra angular da Classificação Decimal. Quando Dewey respondeu às propostas de Otlet no final de 1895, foi para dar aos europeus a permissão de traduzir a classificação (RAYWARD, 1975, p. 40-41).

Em 1895 Paul Otlet e La Fontaine conceberam a ideia de fazer um grande Repertório Bibliográfico Universal (RBU), uma ferramenta que forneceu informações e reuniu todas as publicações de todas as idades, todos os países e todos os assuntos, independentemente do seu local de conservação. O desenvolvimento desse trabalho exigiu o desenvolvimento de padrões, tanto ao nível dos registros bibliográficos quanto ao nível de sua classificação em móveis de arquivos. A Classificação Decimal Universal⁸ será desenvolvida para responder a problemática da classificação temática: cada assunto corresponde a um número de classificador (MUNDANEUM, 2017).

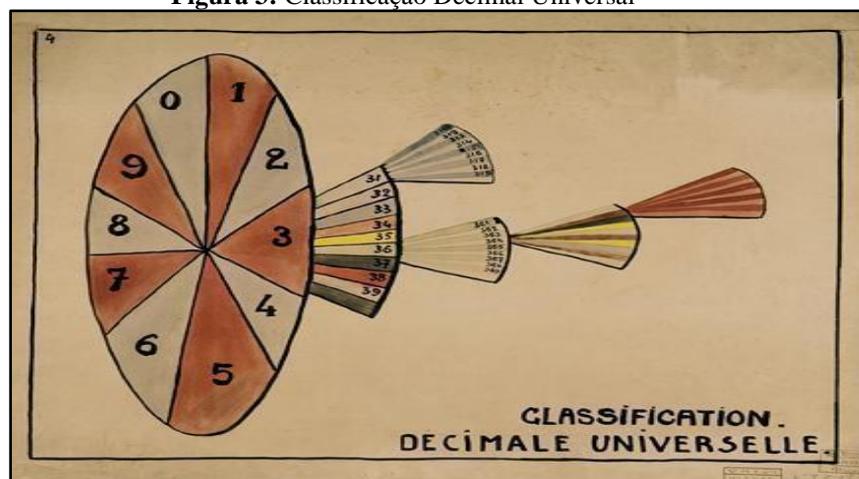
⁷ RAYWARD, W.B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International federation for Information and Documentation (FID). Faculty of Professional Studies, University of New South Wales, Sydney, 2052 NSW, Australia Tradução de Mascos Zarahi. Disponível em: < <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/MRI%2001%20-%20Rayward,%20WB%20-%201997.pdf>>. Acesso em: 11 de dez. 2018.

⁸ Em francês, *Classification Décimale Universelle*.

A CDU⁹ é uma linguagem sofisticada de indexação e de recuperação de todo o conhecimento registrado e na qual cada assunto é simbolizado por um código baseado em números arábicos. Engloba todos os tipos de documentos escritos, vídeos, filmes, fitas, discos, ilustrações, mapas, peças de museus, etc. È dotada de uma estrutura inovativa, possuindo a habilidade de expressar, por símbolos numéricos, não apenas os assuntos simples, como também as relações entre diversos assuntos. Sua estrutura é hierárquica, na qual é dividida em dez classes, podendo ser subdividido em partes lógicas, até o infinito (SOUZA, 2012, p. 25).

Otlet cunhou o termo ‘documentação’ já em 1903. A colaboração internacional para o desenvolvimento da Classificação Decimal Universal (CDU) começou em 1896, nos vertiginosos dias de otimismo e experimentação da virada do século. A CDU tornou-se parte do arsenal de novas tecnologias e técnicas que Otlet e seus colaboradores projetaram para a documentação, tanto como campo de estudo quanto como prática profissional. Embora a FID haja deixado de existir, a CDU continua sendo amplamente utilizada na Europa e seu permanente desenvolvimento é administrado por um consórcio de organizações interessadas. Na Inglaterra, onde a CDU foi finalmente adotada pelo British Standards Institute como norma inglesa, os ensaios de S.C (OTLET, 2018, p. 18).

Figura 3: Classificação Decimal Universal



Fonte: Centre d'archives, *Mundaneum*

Otlet foi um dos pioneiros da área de Documentação um de seus principais trabalhos foi publicado em 1934, conhecido como *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique* obra que representa seu pensamento a respeito da organização e acesso ao conhecimento (SANTOS, 2006; MENDES, 2014).

⁹ Classificação Decimal Universal.

2.4 Pacifismo e Internacionalismo

De acordo com Mattelart (2002)

No ramo das urgências, o problema da paz foi progressivamente tomado sob a responsabilidade de redes internacionais da sociedade civil cuja ação se intensifica no último terço do século. Através de congressos, conferências, escritórios de coordenação permanente, sua ação se mostra essencial no desenvolver da ideia da necessidade de elaborar um projeto de comunidade das nações em vista de fazer cessar a violência do confronto entre os nacionalismos exacerbados. Com isso aparece um protótipo de rede entre os membros da comunidade científica acerca da troca documental e da normalização das classificações bibliográficas. Se impõe a ideia que o destino do planeta está ligado à interdependência dos indivíduos e das nações (MATTELART, 2002, p. 218).

A Liga das Nações foi uma organização internacional criada em abril de 1919, quando a Conferência da Paz de Paris adotou seu pacto fundador, posteriormente inscrito em todos os tratados de paz. Ainda durante a Primeira Guerra Mundial, a ideia de criar um organismo destinado à preservação da paz e à resolução dos conflitos internacionais por meio da mediação e arbitramento. Não possuindo forças armadas próprias, o poder de coerção da Liga era baseado em sanções econômicas e militares. Em abril de 1946, o organismo se autodissolveu, transferindo as responsabilidades que ainda mantinha para a recém-criada Organização das Nações Unidas (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, c2018).

Há guerra, o choque de armas, a luta no campo de batalha. Mas, por trás disso, estão os conflitos que determinaram a guerra e que devem ser decididos. A luta se torna universal é por que as causas foram profundas e muitas, e, uma vez declarado, as próprias necessidades de sua conduta levam a transformações no estado das coisas. É uma revolução imensa que está sendo realizada em todos os países (OTLET, 1916).

De acordo com Otlet, 1929

O livro *La Fin de la Guerre* é dividido em quatro partes. A primeira parte trata da declaração de fatos gerais relativo à Guerra. A segunda parte é dedicada a um exame detalhado das causas do conflito e as soluções propostas para proceder metodicamente e objetivamente a esse exame, cada ordem de causa e meio está anexada ao conjunto fatos da mesma natureza. Fomos levados as condições e os fatores da vida internacional.

Com invasão da Bélgica por alemães em agosto de 1914, quebra primeiro a frágil estrutura institucionalizada pelo internacionalismo de Otlet e La Fontaine, que criaram a União Internacional das Associações, o Instituto Internacional e o Escritório Bibliográfico (OIB), o Museu Internacional (RAYWARD, 1975).

Em outubro de 1914, foi escrito o livro *La Fin de la Guerre* de autoria de Otlet, que terminou em 5 semanas. Sob a forma de carta mundial, nela exprimia o modo como concebia a Sociedade

das Nações, e como era um objeto de manter a paz, a garantia de direitos internacionais e a gestão de interesses comuns a toda a humanidade.

A posição defendida por Otlet não ambicionaria eliminar o fenômeno das guerras por completo; isso seria, segundo ele, aderir a um sentimento enganoso e ignorar o pensamento racional que deveria basear a ação internacionalista, dado que o elemento de conflito subjacente à guerras seria um aspecto estrutural e fundamental das sociedades humanas. Inversamente, em resposta aos que viam nas guerras um desdobramento social não apenas natural, mas por vezes benéfico e até necessário e essencialmente incontrolável (OTLET, 1916; MOURA, 2015, p. 30).

É recorrente nos diversos escritos de Otlet aqui analisados a ideia de que, independentemente de sua forma, o documento representava a corporalização ou materialização do pensamento. Essa corporalização permitia a portabilidade do documento no tempo e no espaço, permitindo a diferentes indivíduos entrar em contato com o pensamento materializado de outrem e, por conseguinte, que produzissem seu próprio pensamento e modificassem a condição humana. Os documentos nada mais eram do que capital de ideias, podendo ser acumulado e reservado da mesma maneira que bens de consumo (MENDES, 2014, p. 74-75).

Para Otlet atribuir à informação é uma função fundamentalmente social; para ele o conhecimento registrado permitiria que o homem se tornasse sujeito atuante em sua sociedade, capaz de efetuar modificações na mesma e de conduzi-la a uma civilização mundial e a uma cultura universal que levariam a paz (MENDES, 2014, p. 72).

2.5 Cidade Universal e Mundaneum

O projeto de Cidade Universal (*Cité Mondiale ou World City*) é a visão utópica criada por Paul Otlet do modelo de uma cidade que seria uma “Exposição Universal”, que reuniria as principais instituições do mundo. A ideia de Otlet era conceber uma cidade utópica internacional, inspirada pelo escultor Hendrik Christian Andersen e o arquiteto francês Ernest Hébrard. Dessa maneira diversos modelos e desenhos foram desenvolvidos para o *World City*. A maioria feita por *Le Corbusier* em Genebra, próximo ao Palácio da Liga das Nações. A cidade sonhada teria um custo total de 500 milhões de dólares e seria apresentada sob a forma de livro aos diferentes países suscetíveis de acolher. Andersen pretende concentrar maiores forças intelectuais de cada nação para construir uma civilização pacifista, harmoniosa e progressista (LEVIE, 2006).

Em novembro de 1913, Henri La Fontaine recebe o prêmio Nobel da Paz, com o dinheiro do prêmio, Fontaine subsidia os projetos de Otlet. Após a visita a Washington o rei Roberto decide por em prática os ideais criados por Otlet, escolhendo, porém outro lugar para sua concepção. A Bélgica não foi escolhida por conta da guerra, então Genebra parece ser o melhor lugar. Otlet após isso põe em prática suas ideias, mas em 1924 após mudanças no governo belga, começam a tomar posse de boa parte dos locais que fazem parte do Cinquentenário.

A cidade universal possui 556.000 héctares. Possui um projeto tão grandioso como o criado por Andersen “*World Centre*”, cujo os edifícios estão ligados as pedras das catedrais da Idade Média. Em 1929, fica aberto para o público o projeto da *Cité Mondiale*. Otlet gostaria que seguisse ao modelo do Vaticano.

Segundo Juvêncio (2014, p. 38 apud OTLET, 1929), mais do que um polo de conhecimento, a busca para construir uma cidade que abrigue todas as instituições internacionalistas do mundo, seria um local onde todas as pessoas poderiam buscar conhecimento e reconhecimento mútuo, ou seja, uma busca da paz perpétua.

Em 1939, Otlet pede exílio nos Estados Unidos e propõe a criação da Cidade Mundial. Após carta oficial mandada a Hitler, Otlet passa a ser vigiado, segundo ele os alemães eram desconfiados, e após uma vasculha nos livros de sua casa, e serem encontrados livros anti alemães, foi considerado maçônico, pacifista e comunista. Em 1941, o Palácio Mundial passa sob a jurisdição alemã e as coleções são consideradas impróprias e são destruídas. Destruição sistemática de tudo que foi criado por Otlet e La Fontaine. Os destroços são levados para o parque Leopoldo. Com a libertação de Bruxelas, Paul Otlet se dirige para o Palácio Mundial, em seu Cinquentenário toma posse simbolicamente.

Paul Otlet falece durante a noite de 10 de dezembro de 1944, com 76 anos. As coleções do Mundaneum ficam entrepostas no parque Leopoldo até 1972. Data em que a cidade de Bruxelas exige recuperar seus locais que foram tomados durante a guerra e que tivessem seus pertences modificados de lugar ou destruídos. A cada mudança parte da documentação desaparece. 70 toneladas destruídas em 1970, 23 toneladas em 1980 (RAYWARD, 1975; LEVIE, 2006).

Para Juvêncio (2014, p. 26),

Reunir num único local todo o conhecimento produzido pela humanidade parece ter sido sempre um dos grandes objetivos do ser humano. Desde os tempos mais remotos, com a biblioteca de Alexandria, esse ideal ou utopia é procurado, e ainda hoje podemos perceber essa busca na nossa sociedade.

Nesse sentido, ele prossegue:

Desta forma, se hoje o local escolhido para reunir todo o conhecimento humano parece ser a internet, no início do século XX a dupla de advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine lançou mão de um ideal nesse sentido, de representação e reunião do conhecimento humano num único espaço. Tal projeto, batizado inicialmente de Cidade Mundial, foi renomeado para Mundaneum, contando com a visão de universalização do conhecimento produzido ao redor do mundo (JUVÊNCIO, 2014, p. 26)

A origem do Mundaneum remonta ao final do século XIX. Criada pela iniciativa de dois juristas belgas, Paulo Otlet, pai da documentação, e Henri La Fontaine, o projeto teve como objetivo reunir todo o conhecimento e classificá-los de acordo com o sistema de Classificação Decimal Universal (CDU) que eles desenvolveram. Como o berço das instituições internacionais dedicadas ao conhecimento e à fraternidade, o Mundaneum tornou-se, durante o século XX, um centro de documentação de caráter universal. As suas coleções, que consistem em milhares de livros, jornais, documentos pequenos, cartazes, pratos de vidro, cartões postais e cartões bibliográficos, foram instalados em vários locais de Bruxelas, incluindo o Palais du Cinquenaire (MUNDANEUM, 2017).

Utópico por excelência, o projeto do Mundaneum foi rapidamente confrontado com a extensão do desenvolvimento técnico de seu tempo. Além dos arquivos pessoais dos fundadores, o patrimônio documental é composto de livros, documentos pequenos, cartazes, cartões postais, pratos de vidro, o Repertório Bibliográfico Universal, o Museu Internacional de Imprensa e o fundo Arquivos em três temas principais: pacifismo, anarquismo e feminismo (MUNDANEUM, 2017).

O Mundaneum já está instalado em Mons e, desde 1998, possui um espaço de exposição cujo design foi desenhado por François Schuiten e Benoît Peeters. Neste lugar, entre o passado eo presente, exposições e conferências relacionadas a este patrimônio excepcional são regularmente organizados. Uma importante comemoração do centésimo aniversário do Prêmio Nobel Henri La Fontaine está programada para 2013, enquanto 2012 marcou o início de uma colaboração com o Google, reconhecendo suas origens no Mundaneum, "Google de papier" (Le Monde, 2009; MUNDANEUM, 2017).

De acordo com Rayward (1990, p. 13) Otlet morreu em 1944, com 76 anos, no momento em que Bruxelas estava sendo libertada. Deixou um legado de discípulos, Les Amis du Palais Mondial, para perpetuar sua memória enquanto vivessem, uma vasta quantidade de publicações bastante repetitivas, e os despojos dos arquivos das duas principais organizações que ele e La Fontaine, este, aos 89 anos, antecederam na morte por um ano, haviam criado e cuidado por mais de meio século — a União de Associações Internacionais e o que então era a Federação Internacional de Documentação.

3 Considerações finais

Pela breve análise aqui realizada neste trabalho foi possível perceber o contexto de alguns dos trabalhos desenvolvidos por Otlet e La Fontaine. Paul Otlet e Henri La Fontaine lutaram por ideal de vida, pela paz, pelo futuro, por aquilo que acreditavam. O internacionalismo e mundialismo pregados por Otlet, só vieram a existir porque ele não acreditava em barreiras, sejam elas físicas ou imaginárias.

Durante toda a sua trajetória vemos mudança, evolução e luta, mesmo com as críticas de seus projetos serem algo irreal. Embora alguns de seus trabalhos não tenham sido alcançados, como por exemplo, a criação da biblioteca universal e a cidade universal. Seu trabalho se moldou de maneira que fosse a vir ser reconhecido e o Mundaneum que conhecemos viesse a existir. Otlet foi um visionário capaz de projetar inúmeros trabalhos importantes num âmbito mundial nos faz compreender que ele não seria tão utópico quanto acreditavam.

Espero que este trabalho sirva como fonte e como projeto inicial para futuras pesquisas, pois o principal objetivo desse trabalho que foi abordar a vida de Otlet e La Fontaine de forma simplória e breve, obviamente não foi possível o detalhamento de inúmeros aspectos fundamentais onde seria necessário um estudo mais profundo acerca do tema. E como exemplificado no primeiro capítulo desse trabalho, a escrita e a pesquisa estão presentes durante todo o processo evolutivo dos seres humanos e espero contribuir ainda mais com o universo científico com pesquisas relacionadas ao Mundaneum e Paul Otlet.

Referências

BAÉZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Utopia, distopia e história. **Revista MORUS –Utopia e Renascimento**, Campinas, n. 2, 2005, p. 4-10. Disponível em: http://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.doc.

BOBBIO, Norberto. et al. **Dicionário de Política**. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BORGES, Jorge Luís. Ficções - obras completas. São Paulo: Editora Globo S.A, 1998. v. 1.

CRISTINA, Silvana. **Cidade e utopia**. São Paulo. 18 fev. 2011. Disponível em: <http://portalarquitetonico.com.br/cidade-e-utopia-novos-modelos-sociais-e-espaciais/> Acesso em: 16 out. 2018.

DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FONTOURA, Marcelo Carneiro da. **A documentação de Paul Otlet**: uma proposta para a organização racional da produção intelectual do homem. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2012.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Liga das Nações**. Rio de Janeiro: FGV, c2018. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenarioIndependencia/LigaDasNacoes>. Acesso em: 27 de out. 2018.

FREIRE, I. A utopia planetária de Pierre Lévy. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 1, n. 2, p. 122-132, 17 dez. 2010.

GILES, Thomas Ransom. **Filosofia da Educação**. São Paulo: EPU, 1983.

GONÇALVES, Maria Adriana Cardoso de Azevedo. **O feminismo distópico**: as vozes de Brave New World e de The Handmaid's Tale. Dissertação (mestrado) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 2015.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria Crítica e Literatura**: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215, out. 2013. ISSN 2175-7917. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/27842>. Acesso em: 19 fev. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>.

HOBBSAWN, Eric J. A Era das Revoluções - 1789 - 1848. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

JESUS, Carolina Maria de Jesus. **O quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 1960.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **O Mundaneum no Brasil**: o serviço de bibliographia e documentação da Biblioteca Nacional e seu papel na implementação de uma rede de informações científicas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação/ UnB, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/15891>. Acesso em: 22 jul. 2017.

LEVIE, Françoise. **L'homme qui volait classer le monde**: Paul Otlet et le Mundaneum. Les impressions nouvelles: Mundaneum, Musée mondial, Genève, Suisse, 2006. Disponível em: <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6058&sysLanguage=fr-fr&itemPos=63&itemCount=216&sysParentId=65>. Acesso em: 04 set. 2016.

LOPES, Marcos Antônio. **Uma história da idéia de utopia**: o real e o imaginário no pensamento político de Thomas Morus. História: Questões & Debates, [S.l.], v. 40, n. 1, jun. 2004. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2740>. Acesso em: 07 fev. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/his.v40i0.2740>.

MATTELART, Armand. **História da utopia planetária**: da sociedade profética à sociedade global. Trad. Caroline Chang. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MENDES, Luciana Cortes. **Do tecer do algodão ao tecer da informação**: organizando a explosão informacional do século XIX. 2014. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi: 10.11606/D.27.2014.tde-26052015-114408. Acesso em: 24 jul. 2017.

MENESCAL, Ana Alice Miranda. **A Idéia de Justiça e a Formação da Cidade Ideal na República de Platão** — Dissertação (Mestrado Acadêmico em Filosofia). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2009. Disponível em: http://www.uece.br/cmef/dmdocuments/dissertacao_justica_cidade_ideal_platao.pdf. Acesso em: 04 de set. 2017.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Bibliotheca Alexandrina**. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 71-91, dez. 2004. ISSN 1678-765X. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2081>. Acesso em: 10 ago. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/rdbci.v1i2.2081>.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MOURA, Amanda Pacini de. **Documentação e internacionalismo em Paul Otlet**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-01122015-094944/pt-br.php>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

MORUS, Thomas. **Utopia**.

NOGUEIRA FILHO, Octaciano da Costa. **Vocabulário da Política**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Unilegis, 2010. 462 p. (Edições Unilegis de Ciência Política).

OTLET, Paul. **Les Problèmes internationaux et la guerre, tableau des conditions et solutions nouvelles de l'économie, du droit et de la politique**. Genève: Kundig, 1916. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6571226k.r=Dans%20les%20tranch%C3%A9es%20Les%20%C3%A9crits%20non%20publi%C3%A9s%20des%20combattants%20belges%20de%20la%20Premi%C3%A8re%20Guerre%20mondiale%20Analyse%20de%20leurs%20exp%C3%A9riences%20de%20guerre%20et%20des%20facteurs%20de%20r%C3%A9sistance&rk=64378;0>. Acesso em: 11 jul. 2017.

OTLET, Paul. **Cité Mondiale**: Geneva: World Civic Center: Mundaneum. Bruxelles: l'Union des Associations Internationales Palais Mondiale, 1929.

OTLET, Paul. **Monde**: Essai d'Universalisme: Connaissance du Monde, Sentiments du Monde, Action organisée et Plan du Monde. Disponível em: https://www.laetusinpraesens.org/uia/docs/otlet_monde/otlet_00.pdf. Acesso em: 11 jul. 2017.

OTLET, Paul. **Mundaneum**: archives of knowledge. Translated and adapted by W. Boyd Rayward. Illinois: University of Illinois at Urbana-Champaign, 2010. (Occasional papers, 215. History. Bruxelas, 2014. Disponível em: http://people.ischool.illinois.edu/~wrayward/otlet/PAUL_OTLET_REFLECTIONS_ON_BIOG.HTM. Acesso em: 04 set. 2016.

OTLET, Paul (1868–1944). **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Tradução de Taiguara Villela Aldabalde, Letícia Alves, Virginia Arana, Silvana Arduini, Cristian Brayner, Marcilio de Brito, Max Evangelista, Maria Yêda de Filgueira Gomes, Guilherme Achilles Clair Marie Isnard Filho, Nair Kobashi, Ana Regina Luz Lacerda, Antonio Agenor Briquet de Lemos, Ercilia Mendonça, José Antonio Pereira do Nascimento, Martha Suzana Nunes, Regina Obata, Edmir Perrotti, Ivete Pieruccini, Alice Araújo Marques de Sá, Camila Silva, Johanna Wilhelmina Smit, Rosemeri Bernieri de Souza, Maria Carolina de Deus Vieira. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018. Disponível em: http://www.cfb.org.br/wp-content/uploads/2018/09/otlet_tratado_de_documenta%C3%A7%C3%A3o.pronto.pdf.

RAYWARD, W. Boyd. **The universe of information**: the work of Paul Otlet for Documentation and international organisation. Moscow: VINITI; FID, 1975.

Paul Otlet: international organisation and dissemination of knowledge: selected essays of Paul Otlet. Edited and translated by W. Boyd Rayward. Amsterdam: Elsevier, 1990, p. 221-248. Disponível em: <https://archive.org/details/internationalorg00otle>.

SANTOS, Paola de Marco Lopes dos. **O ponto de inflexão Otlet**: uma visão sobre as origens da documentação e o processo de construção do princípio monográfico. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.27.2006.tde-24092007-173121. Acesso em: 2018-12-05.